

NOTA

Do Capitão Antonio da Silveira Peixoto diz Azevedo Marques, nos seus *Apontamentos Historicos*, o seguinte:

« Era natural de Paranaguá e sertanista corajoso. Em 1770, por ordem de D. Luiz Antonio de Souza, Governador e Capitão General de S. Paulo, partiu daquella villa (1) com 7 canoas tripoladas em direcção ao *Tibagy* ou *Rio D. Luiz*.

« Depois de muitos trabalhos e contrariedades, foi aprisionado em Curuguaty (2) por uma força de 100 homens de paraguayos e remetido para Buenos-Ayres, onde soffreu prisão por muitos annos, voltando depois a S. Paulo, valetudinario e sem recursos.

« Da representação que este infeliz paulista fez ao Governador de Buenos-Ayres, cinco mezes depois da sua prisão, consta o seguinte: Tive ordem de entrar pelo rio do Registro (3), de Coritiba, com 100 homens e marchar por agua ou por terra até chegar a barra que faz com o *Para-*

(1) Ha aqui engano de Azevedo Marques. O Capitão Silveira não podia ter partido de Paranaguá com 7 canoas para o interior, porque Paranaguá é porto maritimo e elle teve de atravessar a Serra do Mar para ganhar as cabeceiras do rio que tinha de percorrer. Devia ter-se embarcado em algum ponto do interior e não em Paranaguá. Parece tambem que Azevedo Marques aqui confunde o «Tibagy» com o rio «D. Luiz»; são dois rios distinctos, sendo o «Tibagy» affluente da margem esquerda do Paranapanema e o rio de «D. Luiz», que é o Yvay, affluente da margem esquerda do Paraná. Ambos pertencem ao actual Estado do Paraná.

(2) Ha aqui outro engano de Azevedo Marques. Curuguaty éra uma villa do interior do Paraguay, situada sobre um riacho affluente do rio «Xexuy» que a seu turno é affluente do Paraguay; estava aquella villa muito longe do rio Paraná e o Capitão Silveira nunca lá foi, como elle mesmo adiante confessa.

(3) O rio do Registro é o Yguassú, que nasce perto de Curitiba. Se o Capitão Silveira descen por elle até o Paraná, não procurou o Tibagy ou o rio D. Luiz, como acima diz Azevedo Marques. (N. do R.)



nã, e na dita barra fazer uma povoação (4). Depois de ter marchado 80 legoas, achei graves dificuldades no rio (5), por onde não me foi possível passar, e me foi necessario fazer cãsa para recolher a gente e munições que trazia, onde deixei toda a gente e marchei com 15 homens pelos montes a ver se podia romper, e ao fim de 15 dias depois de passar gravissimas serras, cheguei ao rio e o não achei navegavel, sendo-me preciso marchar por terra tres mezes, e depois de cansado de fazer caminho tomei resolução de fazer canõa e marchei por muitas e muito arriscadas cachoeiras, e depois de haver marchado cousa de 60 leguas, achei outros saltos onde fiz ranchos, e deixei as canoas e perdi um soldado afogado. Ao depois tornei a entrar por terra, por montes e grandes serras, e tornei a buscar o rio, e achando-o manso, fiz canoas e marchei cousa de 30 leguas, e achei outro salto; ali fiz ranchos e deixei as canoas, e isto me succedeu por sete vezes, pelos saltos que encontrava no rio, passando a palmito e limitada caça. Ultimamente, depois de me haver encontrado com Indios, cheguei a barra do rio com dez mezes de viagem, depois de me haver apartado da companhia, e todo este tempo marcharia 340 leguas sem ver campos, somente serras, montanhas e rios caudalosos. Chegando à barra, como não trazia guia ou vaqueano, fiz canoas como costumava. marchando cousa de 15 leguas, até encontrar uma porção de Indios *Tapes* (6), em uma paragem chamada *Hervaes*, que estavam fazendo *herva*; e perguntando como se chamava aquelle rio responderam-me que *Rio Grande*, e como o que se tinha navegado tinha o mesmo nome, fiquei certo em como estavamos no rio do *Registro*, e a barra que eu tinha deixado era o braço do mesmo rio; perguntei-lhes pelo *Paraná*, responderam-me que era muito mais abaixo, e perguntando-lhes pela sua aldêa, responderam-me que era dali a 9 dias de viagem pelo que supuz que os indios estavam em terras de Portugal. Daqui a 4 dias de viagem encontrei com 3 botes e varias canoas, com 100 homens hespanhões e indios, com uma ordem do seu governador para eu lhes fazer entrega dos Indios que trazia e que me retirasse das terras do seu commando. Foi isto uma grande novidade para mim que pensava estar nas terras do rio do *Registro*. Depois de ter voltado cousa de uma legua fizemos pouso, e o homem chamado com-

(4) Na foz do Yguassú, na margem esquerda, estão os territorios ainda hoje contestados das Missões.

(5) O rio Yguassú é em todo o seu curso caudaloso e muito encachoeirado.

(6) Na margem direita do Yguassú havia antigamente o territorio chamado «Vera» ou «Tapes» pelos jesuitas hespanhões; fazia parte da provincia do Goayrá, devastada pelos paulistas no seculo XVII.
(N. da R.)

mandante, muito acobardado, dizendo que eu tinha a corpo de gente perto, a tempo que succedeu cahir um páo de noite, no monte proximo, deu a sentinella hespanhola parte que ouvira um tiro de fuzil, motivo este para o commandante dar-me uma ordem para que o acompanhassemos todos a presença do governador daquela provincia, e como me achasse com o capitulo das minhas instrucções que dizia que se eu por acaso me encontrasse com alguns hespanhões, com elles não tivesse duvida, razão porque não quiz deixar de obedecer e juntamente porque havia mais de 6 mezes que não comiamos cousa de povoado, e a gente que eu tinha já estava desesperada por falta de caça ..(7)... Cheguei a presença do governador no dia 2 de Outubro de 1770, o qual me perguntou, depois de me receber civilmente, como tinha eu vindo parar aquelles logares, respondi que me tinha enganado... No dia seguinte mandou-me botar dous pares de grilhões aos pés, ao Alferes que eu levava o mesmo e tambem aos soldados; poz-me sentinella á vista, sem admittir protestos, nem requerimentos verbaes ou por escripto. No fim de oito dias ordenou-me que montasse a cavallo com toda a minha gente, e nos remetteu para Buenos-Ayres, com os grilhões, marchando 180 leguas até o salto do *Uruguay*, onde foram os soldados atacados de bexigas ficando cinco em perigo de vida. Aqui estivemos quarenta dias sem nunca nos tirarem os grilhões, e embarcamos, chegando em Buenos-Ayres a 29 de Dezembro de 1770.

Eu e o Alferes fomos encarcerados em um forte, e os soldados em um carcere até hoje com sentinella á vista. O Alferes, deu-lhe uma maligna, e falleceu no dia 11 de Março de 1771, ficando eu só, sem ter ao menos com quem fallar... Como nos furtaram a pouca roupa que traziamos, estamos nus; os soldados tapam as partes com pedaços de baeta, e eu estou quasi no mesmo.»

«Este carojoso paulista, depois de mais de dois annos de prisão e de máos tratos, conseguiu fazer chegar ás mãos do governador e capitão general D. Luiz Antonio de Souza a sua petição para que o reclamassem do governador de Buenos-Ayres, mas a reclamação sò depois de alguns annos è que foi feita, pois que ainda em 1774 è que o governador D. Luiz Antonio de Souza, em officio ao Vice-Rey Marquez do Lavradio, datado de 4 de Agosto desse anno, expoz que «era de muito mão effeito para a organização dos corpos mandados crear em S. Paulo para acudir as fronteiras do Sul, o

(7) Este documento está truncado por Azevedo Marques em diversos logares pela conveniencia de acomodal-o aos seus fins; e assim a linguagem deve estar muito corrigida, porque não é a uzada no seculo passado. O original deve existir no archivo do Estado, porém não foi ainda encontrado. (N. da R.)



facto de achar-se até agora preso em Buenos-Ayres o capitão Antonio da Silveira Peixoto, e que os naturaes da terra já allegavam o facto de não ter sido elle até agora reclamado». Tal era o procedimento da metropole e de seus delegados para com os grandes servidores paulistas. *Aos que sacrificavam vida, liberdade e fortuna, muitas vezes consideravel, em prol da causa do Governo; aos pouco felizes pelo patronato dava-se um habito de Christo com tença de 50\$000 annuais que nunca se pagava; mas, os que não o eram, tinham por premio o esquecimento, o abandono e a miseria.*

«Finalmente, depois de 7 annos de prisão e de martyrios, voltou o capitão Antonio da Silveira Peixoto a sua patria, velho e enfermo, sobrevivendo apenas pouco tempo a tantos sacrificios e ingratidões, pois *não poudo em vida receber os soldos atraçados que legou para obras pias* »

